

Medicamentalização, discursos transhumanos e suas demandas no capitalismo: Uma revisão de literatura

Medicamentalization, transhumanist discourses, and their demands under capitalism: A literature review

Medicamentalización, discursos transhumanos y sus demandas en el capitalismo: Una revisión de la literatura

Médicalisation, discours transhumanistes et leurs revendications dans le capitalisme : Une revue de la littérature

 10.5020/23590777.rs.v25i3.e14927

Roberto Henrique Amorim de Medeiros  

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS (1996), Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2000) e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011). Teve experiência na área clínica psicanalítica (atendimento e supervisão), no trabalho de atenção e gestão em Atenção Primária em Saúde (Serviço de Saúde Comunitária do Grupo Hospitalar Conceição, 2003-2013) e como formador de profissionais em saúde (Residência Integrada em Saúde/GHC, Porto Alegre-RS, 2004-2013).

Vladimir Frediani Jardim  

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), desde 2016/1. Atualmente é terapeuta e estagiário de ênfase em Processos Clínicos pela Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS e bolsista de iniciação científica no projeto “A Paixão pelo Autômato, o Pós-humanismo e a Psicanálise: leituras sobre clínica e laço social”.

Resumo

Este artigo busca interrogar o processo de medicamentalização em saúde mental a partir de uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo, que almejou responder a uma pergunta acerca da relação da medicamentalização com o transhumanismo produzido na contemporaneidade, supostamente por parte do discurso capitalista. O estudo foi construído a partir de uma revisão narrativa da literatura sobre o paradigma transhumano, os ideais capitalistas contemporâneos e a psicofarmacologia. Observa-se que o crescimento do papel da psicofarmacologia como tratamento principal em saúde mental sugere uma relação com o discurso transhumanista no contexto das demandas da sociedade capitalista. Essa aproximação permitiu tecer análises sobre os psicofármacos como ferramentas tecnológicas para alcançar o ideal transhumano maquínico. Além disso, o trabalho crítico analítico com os artigos incluídos no método indicou, como exemplar, o conceito de medicina realizadora de desejos (*wish-fulfilling medicine*). Portanto, apresenta-se e discute-se essa prática que costura a noção de indivíduo transhumano com as práticas clínicas que ofertam a satisfação de anseios de “aperfeiçoamento” de corpos, segundo um suposto desejo idealizado na cultura.

Palavras-chave: medicamentalização, transhumanismo, discurso capitalista.

Abstract

This article seeks to examine the process of medicamentization in mental health through exploratory and descriptive research aimed at addressing the relationship between medicamentization and contemporary transhumanism, purportedly shaped by capitalist discourse. The study was developed through a narrative literature review on the transhumanist paradigm, contemporary capitalist ideals, and psychopharmacology. The growing role of psychopharmacology as the primary treatment in mental health appears to suggest a relationship with transhumanist discourse in the context of the demands of capitalist society. This connection enabled analyses of psychotropic drugs as technological tools for achieving the ideal of the machine-like transhuman. Furthermore, the critical analytical examination of the articles

included in the review identified the concept of wish-fulfilling medicine as an illustrative example. Accordingly, this practice is presented and discussed as one that links the notion of the transhuman individual with clinical practices that offer to fulfill desires for the “enhancement” of bodies, according to a supposedly idealized desire embedded in culture.

Keywords: *medicamentation, transhumanism, capitalist discourse.*

Resumen

Este artículo busca interrogar el proceso de medicamentación en salud mental a partir de una investigación de carácter exploratorio y descriptivo, que tuvo como objetivo responder a una pregunta acerca de la relación entre la medicamentación y el transhumanismo producido en la contemporaneidad, supuestamente por efecto del discurso capitalista. El estudio fue construido a partir de una revisión narrativa de la literatura sobre el paradigma transhumano, los ideales capitalistas contemporáneos y la psicofarmacología. Se observa que el crecimiento del papel de la psicofarmacología como tratamiento principal en salud mental sugiere una relación con el discurso transhumanista en el contexto de las demandas de la sociedad capitalista. Esta aproximación permitió elaborar análisis sobre los psicofármacos como herramientas tecnológicas para alcanzar el ideal transhumano maquínico. Además, el trabajo crítico-analítico con los artículos incluidos en el método indicó, como ejemplo, el concepto de medicina realizadora de deseos (wish-fulfilling medicine). Por lo tanto, se presenta y discute esta práctica que articula la noción de individuo transhumano con las prácticas clínicas que ofrecen la satisfacción de anhelos de “perfeccionamiento” de los cuerpos, según un supuesto deseo idealizado en la cultura.

Palabras clave: *medicamentación, transhumanismo, discurso capitalista.*

Résumé

Cet article vise à interroger le processus de médicalisation en santé mentale à partir d'une recherche exploratoire et descriptive, qui a cherché à répondre à une question portant sur la relation entre la médicalisation et le transhumanisme produit à l'époque contemporaine, supposément sous l'effet du discours capitaliste. L'étude a été construite à partir d'une revue narrative de la littérature sur le paradigme transhumaniste, les idéaux capitalistes contemporains et la psychopharmacologie. On observe que l'essor du rôle de la psychopharmacologie comme traitement principal en santé mentale suggère une relation avec le discours transhumaniste dans le contexte des demandes de la société capitaliste. Cette approche a permis d'élaborer des analyses des psychopharmaceutiques en tant qu'outils technologiques permettant d'atteindre l'idéal transhumain machinique. De plus, le travail d'analyse critique des articles inclus dans la méthode a mis en évidence, à titre d'exemple, le concept de médecine réalisant les souhaits (wish-fulfilling medicine). Par conséquent, on présente et discute cette pratique qui articule la notion d'individu transhumain avec les pratiques cliniques qui offrent la satisfaction des aspirations d'« amélioration » des corps, selon un supposé désir idéalisé dans la culture.

Mots-clés : *médicalisation, transhumanisme, discours capitaliste.*

O presente artigo busca explorar a medicamentação no processo de cuidados em saúde mental. O acentuado uso de recursos psicofarmacológicos em clínicas psiquiátricas parece implicar que resultados de estudos envolvendo diferentes disciplinas sejam produzidos para melhorar os entendimentos sobre a posição e os motivos dessa prática se tornar cada vez mais hegemônica na cultura contemporânea. Neste estudo, compreende-se a estrutura de tal espaço temporal como marcada pelo capitalismo tardio, gestado em práticas políticas e econômicas do neoliberalismo. Frente a demandas desse Outro, composto por significantes que refletem um discurso voltado à produção, ao mercado e a leis de oferta e demanda, intui-se que o advento da psicofarmacologia acompanhou uma mudança subjetiva na cultura global. Essa cultura é pautada em ideais que podem ser lidos nos discursos do empreendedorismo, da competição, da meritocracia e da necessidade de esforço sobre-humano, tão explícito na frase “trabalhe enquanto eles dormem”, entre outros bordões, produzidos como efeitos da linguagem de uma sociedade cujo modo de reprodução exige acelerada e ininterrupta criação de mais valor, por meio da exploração máxima possível do trabalho.

Considerando esse ideal cultural e social, correlato da produção de um indivíduo desprovido de falhas, que não sofre, não cede a mal-estares, não se resigna (resiliente) e nem mesmo necessitaria dormir ou satisfazer necessidades do corpo e do espírito, fomos levados a buscar possíveis aproximações com a ideia de máquina. Essa ideia é encontrada na figura do autômato, na qual a programação o obriga a executar funções reiteradas e a corresponder, de forma incessante, ao comando de um mestre (Medeiros et al., 2015). Essa perspectiva tecnológica, levada ao campo do humano, remeteu às discussões acerca da crítica e da pragmática existentes nos processos de transformação do humano em um pós-humano. Os estudos

pós-humanistas contêm, em seu escopo, a dimensão crítica, enquanto as elucubrações acerca do advento de outra espécie, mesclada à tecnologia, é o campo de estudos e teorizações dos transhumanistas.

Nesse cenário, pode-se pensar o transhumanismo como derivado de transformações culturais em razão da massificação do uso da tecnologia, ocorrida tanto nos meios de produção, que, por sua vez, determinam e redesenham relações trabalhistas, quanto nas alterações do próprio corpo. As transformações culturais, então, assumem caracteres utilitaristas e estéticos, produzindo novas – ou refutando antigas – formas de se conceber o que é ser humano. Assim, paradigmas teóricos de discussão passam a conceber seres mesclados à tecnologia, o que acarretaria a produção de seres pós-humanos, nesse caso, por meio de aprimoramentos biotecnológicos.

Tais ramificações nos pensamentos racionalista, moderno e ocidental implicaram uma fratura com as filosofias naturalista e humanista. A partir deste século, essas filosofias passam a ocupar, cada vez mais, um lugar conservador e carregado de imaginários obsoletos, presos a noções de humanidade com vieses enrijecidos sobre o que é, ou não, o ser humano (Galliano, 2019).

Por outro lado, o paradigma tecnológico, caracterizado como antinatural, que acarretaria uma separação entre o ser e o próprio conceito de humano, geraria formas de existência que prescindiriam das emoções, das limitações ou da própria morte, criando seres próximos às máquinas?

Galliano (2019), ao abordar a discussão entre os chamados transhumanistas e os bioconservadores, procura delinear a composição paradigmática desse campo de debates tecnocientíficos. Os primeiros estariam em busca de alterações da natureza humana e “se tivesse que definir um máximo programa transhumanista, seria a imortalidade” (Galliano, 2019, p. 88). Os segundos, críticos dessas alterações e de suas consequências sociais, admitem uma essência humana e afirmam que o domínio completo da natureza levaria a um possível extermínio da vida.

O transhumanismo, originado como movimento na década de 1980, deriva de correntes filosóficas aproximadas do liberalismo libertário. Logo, “o transhumanismo, com sua confiança na razão e autodeterminação humana, é um herdeiro paradoxal da tradição humanista ocidental” (Galliano, 2019, p. 84). Tal fluxo de ideias direciona-se para noções individualizantes, nas quais o objeto de apreciação e de intervenções seria um indivíduo dissociado do social, do meio, como uma entidade própria e dona de si. Aproxima-se do empreendedor do capitalismo, alçado ao ideal de indivíduo no cenário político neoliberal (Safatle, 2021).

Nota-se que essa perspectiva, relativa à supressão das limitações humanas, desconsidera algumas posições materialistas históricas que colocam os sujeitos como produtos dos seus tempos, cujas próprias limitações e faltas denunciam as do Outro. Os sofrimentos, desde Freud, indicam e jogam alguma luz sobre formas civilizadas de opressão que vêm acompanhadas do silenciamento subjetivo.

Os achados freudianos sobre o inconsciente e os mal-estares da civilização são traços a serem levados em consideração, assim como as teorizações de Lacan a respeito das operações discursivas, cujas posições do sujeito e os fluxos dos significantes culturais determinam laços sociais e formas de gozar. Os significantes privilegiados no espírito de uma determinada época desenham certos recortes de ideais que levam cada um a responder subjetivamente a eles. É inatacável que essa condição se situe no capitalismo atual.

Dessa forma, na contemporaneidade capitalista, há ferramentas tecnológicas que surgem como meios para se alcançar esses ideais transumanos, de seres sem faltas e, constantemente, em condições de produzir. Nesse contexto, torna-se necessário uma ressalva para destacar a pluralidade presente no uso e na incorporação de tecnologias, como apontado por Galliano (2019), que discute suas vertentes e oposições. O autor critica os bioconservadores que procuram se opor a qualquer mudança da natureza humana, desde a mortalidade até a homossexualidade. Por sua vez, aponta para a potência disso ser tomado como uma pauta política, tirando o foco das transformações e dos aprimoramentos corporais e cognitivos para passá-lo ao campo social.

Dentre essas incorporações, existem as que potencializam formas de existência e subjetividades. A transgeneridade é uma delas, dado que novos medicamentos hormonais e cirurgias mediam as possibilidades de os indivíduos tornarem-se o que desejam, ao invés de serem tomados como abjetos em uma cultura cisnormativa (Favero, 2019). Outras formas de uso da tecnologia são aquelas realizadas por pessoas diagnosticadas com deficiências múltiplas, para as quais membros biônicos e sintéticos, medicamentos, além de cirurgias cada vez mais precisas, são algumas das possibilidades alcançadas pelo advento da tecnologia.

Mal-estar Contemporâneo e o Discurso Capitalista

Frente a esses apontamentos, levanta-se a questão sobre quais os possíveis atravessamentos no uso de novas tecnologias em saúde mental, especificamente os psicofármacos, que crescem como dispositivo de intervenção em consultórios e práticas clínicas psiquiátricas. A esse processo é remetido o conceito de medicamentização. É questionado se o avanço dos usos comuns da psicofarmacologia guardam relação com uma lógica contrária, a saber, de apagamento do sujeito em prol do advento de um indivíduo autômato, do qual não se supõe características que possam atrapalhar sua qualidade de incansável produtor de mais valor na sociedade capitalista.

As formas de tamponar o mal-estar por ideais de bem-estar são lançadas cotidianamente. Em um mundo que gira em torno da produção constante de mais valor, em detrimento de puros produtos essenciais à vida e ao desejo dos indivíduos – tanto do capitalista quanto do trabalhador que vende sua força de trabalho como mercadoria –, o gozo e o sofrimento psíquico que estagnam a produção demandam uma solução rápida. Essa rapidez busca a reinserção do indivíduo na relação social mediada pela forma mercadoria: “Angústia, mal-estar ou dificuldades, outrora compreendidas como parte da complexidade e singularidade do ser humano, passam a ser consideradas doenças ou transtornos diagnosticáveis e, consequentemente, ‘medicamentizados’, com o intuito de proporcionar cura” (Bezerra et al., 2014, p. 62).

Rosa e Winograd (2011) refletem sobre a lógica normativa que se cria em meio ao padrão de bem-estar. O imperativo que circunscreve as técnicas aceitas vai da resolatividade de sintomas, da geração de sentimentos de satisfação e de plenitude ao apagamento do sofrimento, com suas ofertas do mercado clínico. Assim, seja o treinamento comportamental, seja a racionalização cognitiva ou o psicofármaco, o que é mais bem aceito compreende técnicas e saberes que sintonizam com o princípio do funcionamento da sociedade capitalista. São diversos os nomes de transtornos que rotulam formas de mal-estar em manuais técnicos que sustentam uma suposta clínica da cura. Ademais, são poucos os comportamentos e manifestações de sintomas em que se pode definir um diagnóstico que dê ao sujeito um sentido para o seu sofrimento. Frente a esse quadro, surge a resposta da medicação, sob uma perspectiva rápida e utilitária.

Em uma sessão clínica, pode-se nomear e encontrar a evidência farmacológica de resolução de um problema, entretanto, a única requisição passa a ser o retorno esporádico do paciente para a manutenção da dosagem e para a verificação de efeitos indesejados. Isso se assemelha à manutenção da engrenagem de um sistema mecânico.

Movido pelo ideal de produção e consumo, da eficácia, da velocidade e do desempenho, ainda que a derivação de sofrimento psíquico possa colocar o próprio trabalho em risco, caso sucumba, a escolha em estar à altura de ideais produzidos na sociedade do capitalismo parece ser aquela mais rápida e produtiva, tal como é a dinâmica social da lógica de mercado.

Não se pretende invalidar o aspecto terapêutico medicamentoso, pois a eficácia de psicofármacos é amplamente comprovada. O que se busca, nessa perspectiva, é o tensionamento da assimilação dessa ferramenta como eixo do cuidado e a relação disso com o discurso capitalista.

Em 1930, Freud observou que a entrada do sujeito na civilização é a origem do desprazer pelo gasto de energia psíquica, a partir do recalque necessário às pulsões constitutivas do ser orgânico, que sempre se destinam à satisfação (Freud, 1930/2010). Essas satisfações, em sociedade, seriam aceitáveis para o convívio social. Desse modo, em uma constante repressão aos impulsos primitivos, o sujeito abre mão de um ideal de felicidade, de plena satisfação, com o intuito de manter-se em relações e alianças com o meio social (Badin & Martinho, 2018).

As conhecidas profissões impossíveis – governar, educar, psicanalisar (Freud, 1937/2018) – assim o são por jamais se tornarem plenas no cumprimento de seus objetivos, pois exercem, propriamente, a função de barrar o sujeito em seus impulsos à satisfação irrestrita do desejo. É interessante observar que foi mencionado o ofício de curar, relativo aos efeitos da psicanálise, e que pode ser potente levar o mesmo verbo às demais propostas hegemônicas de cura. Será que a medicação pode realmente curar as causas dos mal-estares? Permitem o enfrentamento dos dilemas do laço social que nos adocece?

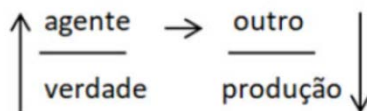
Lacan (1969-1970/2016), crítico em relação ao que, afinal, adocece o indivíduo, retoma os estudos de Freud e acrescenta uma quarta profissão às consideradas impossíveis, a de fazer desejar. Nosso desejo é o desejo do Outro, afirma Lacan. Ele também lembra que a manifestação do inconsciente é um grito sem palavras, de que algo não vai bem com a relação do desejo do Outro e do sujeito. Só que isso não se revela, em realidade, precisa ser interpretado, e esse é o ato do analista.

Frente ao mal-estar inexorável que sugere profissões impossíveis, Lacan teoriza sobre quais seriam os tipos distintos de laços sociais entre os sujeitos na história. Os quatro discursos compõem uma forma de se aproximar e dar contornos ao que ocorre no inconsciente do ser falante, este que difere da máquina, pelas emoções, e do animal, pela abstração desses impulsos e de suas possíveis sublimações. O ser falante se comunica, significa e gera traços do que apreende e recalca. O campo simbólico que o subjetiva e suas relações com imaginário e com o real são sustentados por uma estrutura linguística de significantes e significados que sistematizam as diferentes formas de trocas sociais, ou seja, o inconsciente também opera na materialidade de laços sociais.

Os discursos dão contornos a essas operações dos fazeres impossíveis. O fazer governar vincula-se à noção do Discurso do Mestre, ao educar o discurso universitário, ao analisar o discurso do analista e ao de fazer desejar o discurso da histórica. A estrutura dos discursos compartilha, então, conceitos relacionados às suas funções na sociedade e o que se distingue é a posição que os *significantes* (S1 e S2), o *objeto a* e o *sujeito barrado* tomam como operadores discursivos. As funções discursivas são elaboradas de forma sistematizada, como apontado na figura 1. Há o lugar da *verdade*, que sustenta o lugar do *agente* do discurso. Este se endereça a um *outro*, seu par imaginário, cuja função o leva à *produção*, ou seja, a partir do Discurso do *Mestre*, um *outro* opera na *produção* de algo, sustentado pelo que não aparece: a verdade do discurso (Badin & Martinho, 2018).

Figura 1

Lugares da estrutura do Discurso.

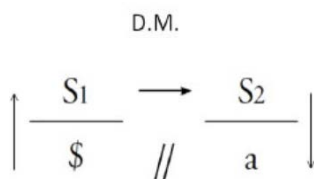


Fonte: Adaptado de Lacan, 1969-1970/2016.

O interesse deste estudo se direciona para a estruturação do Discurso do Mestre, ilustrado na figura 2, em razão de o Discurso Capitalista derivar dele. Nessa operação discursiva, a função de agente é ocupada pelo S1 (significante-mestre), que também está na posição de referência para o sujeito, e endereça ao S2 (demais significantes encadeados e que carregam um saber) um “comando” para a produção de um objeto de valor, precioso, de mais-de-gozar, o objeto *a*. Sob o S1, no lugar da verdade que o embasa e que não pode aparecer, está o \$, o sujeito barrado, castrado, que carrega um saber compartilhado com S2 (Badin & Martinho, 2018).

Figura 2

Discurso do Mestre.

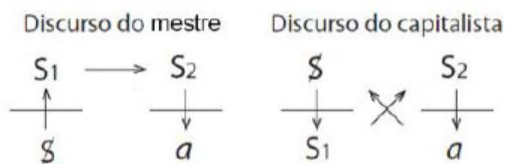


Fonte: Adaptado de Lacan, 1969-1970/2016.

Lacan (1972) opera uma torção no Discurso do Mestre para representar o Discurso Capitalista, como representado na figura 3. Junto a isso, ele observa a característica distinta deste discurso em relação aos demais: o fato de que ele não produz laço social, visto que as posições e endereçamentos de S1, S2, *a* e \$ se encontram em um fluxo ininterrupto, o que Lacan indica com a posição e o sentido dos vetores. As impotências e as impossibilidades são inerentes aos laços sociais da civilização, como costumava-se afirmar. Os fluxos contínuos que estruturam a sociedade capitalista, cuja relação social é mediada pela forma mercadoria e que depende de ciclos complexos, ininterruptos e mais rápidos de valorização do valor, mostram, claramente, que o mestre do discurso, o capital, não estabelece nenhuma relação social direta com os sujeitos. Ao contrário do senhor do laço social escravocrata, o capital não precisa reconhecer, açoiar ou mesmo alimentar ou, até mesmo, comandar o seu *outro* ao trabalho forçado. Não faz laço.

Figura 3

Discurso do Capitalista.



Fonte: Adaptado de Lacan, 1969-1970/2016.

Na clínica psicanalítica, o que deve governar é o inconsciente. É assim, por supor um sujeito dividido, que o sujeito barrado surgirá no lugar da verdade. Porém, existe o governar que está para fora da psicanálise e que opera na sociedade

por meio de instituições que perpetuam a relação social e sua produção significativa, cuja coleção, de acordo com Lacan, é chamada de *Outro* (grande outro). Tratar-se-ia de um governo possível, na medida em que não constitui um laço social de sujeitos da castração, que a civilização nos permitiu chamar de humanos? Um governo que faz desaparecer ilusoriamente a castração e que obnubila o impossível – pois todas as mercadorias estão livres no mercado – não seria um governo possível?

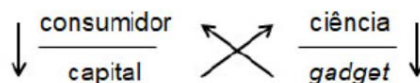
Tomsic (2015) propõe uma inquietante noção de inconsciente capitalista. Não se trata de um inconsciente que, dono dos meios de produção psíquica, é enriquecido pela exploração do trabalho do ego. É constatado que a estruturação do inconsciente, a exemplo de uma linguagem, gera uma perda de gozo, assim como ocorre com o trabalho no capitalismo, que precisa vedar ao trabalhador o gozo daquilo que produziu. De modo homólogo, o sujeito do inconsciente não goza do significante que o representa. Assim, questiona-se: os anos já centenários de experiência da relação social tipicamente capitalista terão produzido nos humanos uma modificação da dinâmica psíquica à sua imagem e semelhança?

Nesse sentido, um fato inegável é o de que o “Discurso do Mestre” capitalista gera no indivíduo a necessidade de atribuir valor a si próprio, de reconhecimento como indivíduo que não atua na formação e no sustento de laços com um *outro* para contornar o mal-estar, mas, sim, consigo mesmo, para manter-se produzindo. Seja como for, é uma boa figuração do mecanismo que sustenta o tipo de produção no modo capitalista. A busca constante de cada indivíduo em exceder-se é bastante sintônica à necessidade estrutural do capitalismo, de exceder o lucro ao final de cada ciclo econômico do capital.

E esse lucro, para ser gerado, necessita que a oferta de mercadoria tenha uma demanda correspondente. Logo, do desejo inconsciente às demandas subjetivas, nada mais é qualidade da condição de humano, mas atribuições quantificáveis do consumidor. A mercadoria possuidora de valor social e de alguma utilidade também precisa obter valor de troca. No discurso do capitalista, a mercadoria passa a ocupar o lugar do objeto *a*, que, agora, está acessível ao \$. A representação disso reflete o fato de que a condição de satisfação e de felicidade, frente ao desprazer da existência civilizada, pode ser alcançada pela forma mercadoria e para o produto do trabalho social. Assim, atribui-se tanto o valor de troca ao produto do discurso capitalista quanto a demanda para a oferta do excedente da produção que necessita ser escoada (Lustoza, 2009). Os *gadgets* produzidos pela ciência, a serviço do capital, cumprem exemplarmente este papel, como apresentado na figura 4. O \$ é o consumidor, ao qual a produção de mais-gozar, o objeto *a*, é endereçada. Assumidas como fonte de satisfação do sujeito-consumidor, as mercadorias mediam e mantêm o fluxo circular do discurso capitalista em pleno funcionamento (Badin & Martinho, 2018).

Figura 4

Gadgets como objeto a.



Fonte: Adaptado de Badin e Martinho (2018).

A função discursiva dos *gadgets* é importante para compreender como um produto, que tem valor de uso restrito, específico e valor social, por ter sido produzido numa sociedade organizada pelo modo capitalista, sob a forma mercadoria, passa a ser consumido de modo distinto, para além da própria utilidade. Em muitos casos, o consumo de fármacos não obedece a uma necessidade de obtenção de cura de alguma coisa, mas à ampliação de antigos limites humanos, aos motivos estéticos, entre outros.

Método

Realizou-se uma revisão narrativa de literatura, com vistas a uma investigação de caráter exploratório, a partir da qual objetivou-se construir um campo de análise qualitativa, que articula aspectos privilegiados do pós-humano, dos psicofármacos e do discurso capitalista, enlaçados a partir de conceitos psicanalíticos. A questão norteadora (Gerhardt & Silveira, 2009) inaugura o desafio de compreender a possível relação da cultura da medicamentação com um ideal transhumanista produzido na contemporaneidade pelo discurso capitalista.

Os critérios de inclusão apontaram artigos científicos publicados em periódicos, em português, espanhol ou inglês, bem como pesquisas referentes aos três campos da questão, correlacionadas, pelo menos, de duas a duas. Foram excluídos artigos duplicados, não encontrados na íntegra ou artigos de revisão bibliográfica.

A busca foi realizada em julho de 2022 e as bases foram escolhidas pela abrangência e pela relevância dos dados. Elegeu-se o Portal de Periódicos CAPES, o SciELO, o Portal Regional da BVS e o JSTOR.

Como parâmetros de busca, foram selecionados os indexadores transhumanismo/*transhumanism*, para o estado da arte desse campo; psicofarmacologia/*psychopharmacology*, como correspondente ao termo medicamentação, e capitalismo/*capitalism*. Nesse caso, os termos em espanhol correspondem ao português. O termo central foi o transhumanismo, como

forma de explorar esse campo de estudo de ideais nos sujeitos contemporâneos. Assim, as buscas associaram esse termo com o operador booleano AND aos outros indexadores, em pares: transhumanismo AND psicofarmacologia; transhumanismo AND capitalismo, assim como seus correspondentes em inglês. Por conseguinte, filtraram-se os resultados pelo ano de publicação e pela forma de artigo.

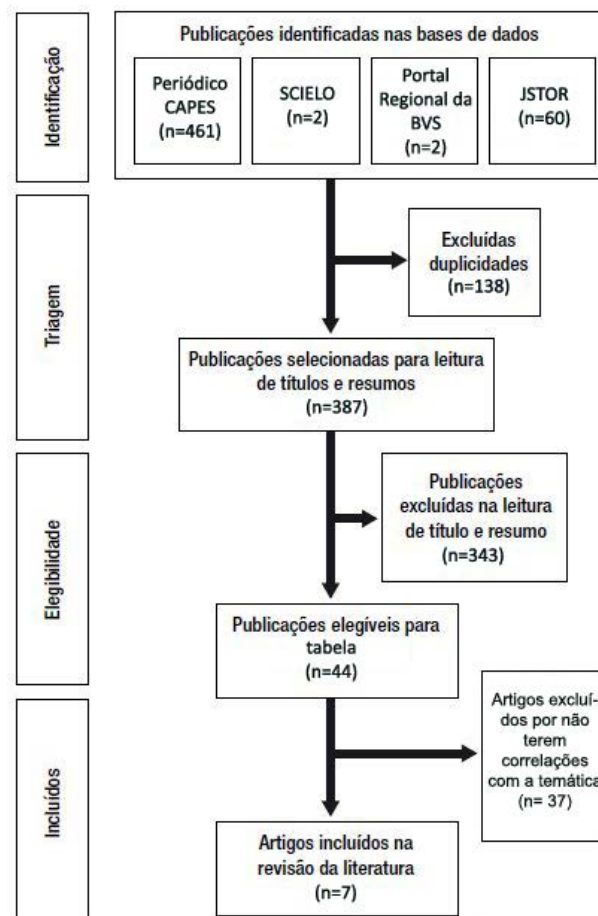
Após o levantamento dos artigos, houve a exportação do conteúdo das pesquisas para o aplicativo de revisão online *Rayyan QCRI*, da *Qatar Computing Research Institute* (Ouzzani et al., 2016), o qual permitiu a exclusão de publicações duplicadas. Em seguida, realizou-se a catalogação de títulos, resumos, palavras-chave e, em alguns trabalhos, das definições de conceitos utilizados no corpo da escrita. Dessa forma, foram excluídos artigos duplicados, que não corresponderam à questão norteadora, artigos em que não foi possível o acesso à íntegra do texto, trabalhos sem relevância para esta pesquisa e os textos em outras línguas.

Com os artigos considerados relevantes, foi realizado um primeiro mapeamento e, em seguida, a categorização dos conteúdos, que respondeu às questões: *o que está se produzindo?*; *onde está sendo produzido?*; e *com o que se está produzindo?* Demais dados, como ano, autores, línguas e países, também foram categorizados. Essa etapa permitiu o delineamento do estado da arte do que se discute no meio acadêmico.

Após, incluíram-se artigos para a construção de reflexões sobre a questão deste projeto. Para esse processo, foram incluídos apenas aqueles com estreita relação com a questão norteadora e com a temática desta pesquisa, a saber, os correspondentes ao campo da psicofarmacologia e do transhumanismo e, por ventura, os que debatessem o modo de reprodução social. Dessa seleção, realizou-se o fichamento dos artigos e, posteriormente, realizou-se a subcategorização dos achados. Com a base de dados pronta, apresentou-se a discussão crítica e qualitativa acerca das produções e a aproximação com o tema da investigação. Foi possível estabelecer o aprofundamento da questão norteadora no meio acadêmico e científico, proceder com a correlação das teorias e reflexões abordadas e fomentar a discussão deste projeto. Na figura 5, é possível observar o fluxo de trabalho.

Figura 5

Fluxograma



Foram achados 525 artigos nos bancos de dados mencionados, a partir dos indexadores utilizados e suas combinações. As publicações compreenderam o período entre 1995 (mais antiga encontrada) e 2022 (ano desta pesquisa). Desse montante, 138 foram excluídos na primeira revisão. Foram lidos os títulos e resumos dos 387 restantes, dos quais 343 foram excluídos, por serem artigos opinativos, debates, editoriais ou de revisão, por não terem sido encontrados na íntegra, por estarem em outra língua e por não correlacionarem as temáticas abordadas na busca.

Assim, 44 artigos foram considerados elegíveis para delinear o estado da arte no meio científico, correlacionando as temáticas capitalismo e psicofarmacologia com o eixo transhumanismo.

Os anos de publicação dos artigos elegíveis corresponderam a 2002 (data do mais antigo incluído) e 2022 (data desta pesquisa). Quanto à divisão entre as línguas selecionadas, 3 foram publicados em português, 13 em espanhol e 28 em inglês, de 19 países diferentes. Os mais frequentes foram Inglaterra (7), Espanha (5) e Brasil, Canadá e Estados Unidos (4).

Dos 44 artigos, 7 foram incluídos na etapa de discussão qualitativa, por se relacionarem estritamente com a temática desta pesquisa. Após o fichamento e a construção das categorias, surgiram tópicos que estimularam a busca de argumentos para o debate e a construção crítica, no sentido dos interesses investigativos desta pesquisa.

Realização de Desejos e a Clínica

Como exposto acima, por meio do procedimento utilizado na pesquisa, elegeram-se 7 artigos para a discussão e para a análise dos resultados. Com eles, foi possível a estruturação de quatro eixos de análise, a partir das seguintes categorias: a) *efeitos dos psicofármacos*, os quais evidenciaram o atual uso de psicofármacos para aprimoramento cognitivo – foco, atenção, retenção ou estímulo do sono em detrimento do uso comum na diminuição de sintomas clínicos; b) *ideais transhumanos e aprimoramento cognitivo*, que permitiu articular a busca por aprimoramentos cognitivos em consonância com o paradigma de idealização do sujeito pós-humano; c) *capitalismo e medicamentação*, em que foi possível refletir acerca do atravessamento do discurso do capitalista – operado pela lógica neoliberal – na construção subjetiva pela busca de um ideal autômato, que patrocina a circulação pela lógica produção-consumo. De acordo com essas linhas de análise, encontra-se, como expressão possível de uma síntese material, o surgimento de um conceito no campo da saúde, especificamente na medicina, o *wish-fulfilling-medicine*. Por esse motivo, o presente artigo se dedicará a apresentar análises desse conceito/prática como resultado crítico da revisão da literatura.

Em virtude da riqueza de elementos que contribuem com a problemática da medicamentação da sociedade no discurso do capitalismo, debate-se o conceito de *wish-fulfilling-medicine* de Buyx (2008), ou *medicina realizadora de desejos*, em tradução livre. Trata-se de um conceito interessante à pesquisa, pois constitui um genuíno produto da cultura contemporânea: a ideia de uma medicina orientada pelo consumo, e não pela necessidade clínica.

Esse conceito surge como delineamento de um recorte inspirador da concepção de práticas médicas que se orientam para a garantia de desejos, os quais emergem das clínicas e das instituições de saúde. Buyx (2008) apresenta debates nos campos ético e filosófico da medicina, os quais refletem acerca das fronteiras entre uma prática medicinal, guiada pelo tratamento terapêutico, e aquelas que buscam atender a demandas de outras ordens, como a estética, por exemplo. Nesse grupo, estão os procedimentos de cirurgias para colocação de implantes no corpo, a fim de alterar uma determinada aparência, tratamentos contra o envelhecimento, suicídio assistido ou eutanásia e, por fim, a psicofarmacologia cosmética, campo de interesse deste estudo, em razão de suas implicações no campo da saúde mental. A associação do termo cosmético ao campo dos psicofármacos relaciona-se com algo da ordem de uma estética imaginária; de um ideal a ser alcançado. O cosmético define um “desejo por melhor foco e desempenho no trabalho/ na escola; desejo por melhores habilidades sociais e autoconfiança; desejo por menos necessidade de sono e maior desempenho no trabalho” (Buyx, 2008, p. 134).

O termo *wish-fulfilling-medicine* compreende um novo tipo de caso clínico, em que a demanda pelo ato médico não necessita de sintomas patognomônicos.

A ressalva está na dificuldade de enxergar a linha tênue entre o gozo estético e o fato de esses procedimentos, centrados na vontade do cliente, serem decisivos na qualidade de vida, ao permitirem uma aproximação com um ideal do momento cultural. Não há uma delimitação precisa do que determina a saúde, caso se tome um princípio não medicalizado desse conceito: o branqueamento dos dentes já saudáveis ou uma cirurgia de implantes.

Dubljević e Ryan (2015) abordam essa problemática ao pesquisarem sobre o aprimoramento cognitivo e os psicofármacos. A partir dos dispositivos de aprimoramento, surgiu a emergência do debate sobre quais as fronteiras entre o que demanda terapia e o que é realce ou amplificação de qualidades humanas por uma demanda cultural, como o aumento de produtividade no trabalho ou na formação.

Uma característica da *medicina realizadora de desejos* é postular que quem guia o procedimento adotado é a pessoa que busca o serviço, indicando uma relação mercadológica de demanda e oferta ao cliente. Isso leva a apontamentos sobre como os serviços no campo da saúde podem se enquadrar, com certa facilidade, à ideologia do profissional liberal. Observam-se padrões de corpos associados a imagens de beleza, personalidades em patamares superiores de comportamentos, em razão da autoconfiança que estrutura suas ações, e trabalhadores alçados ao pedestal de máquinas imparáveis. Estes últimos são valorizados por empreenderem, embasados em sua suposta individualidade confiante, atravessando obstáculos nos quais outros sucumbiriam.

Não é somente o papel ao qual todos estão destinados na sociedade capitalista que exige aptidão para o incremento do valor da mercadoria por meio do trabalho. A própria cultura ideológica do capital, que explora a insignificância do indivíduo – entendida como ausência de um signo que represente integralmente este ser no laço social –, também presenteia com suas próprias definições: “o brasileiro não desiste nunca”.

Os próprios psicofármacos podem se encaixar nesse sistema de signos e de produção de demandas de constante enriquecimento do valor pessoal pelo aumento de potencialidades do corpo. Trata-se do grau de incidência dos psicofármacos como ferramentas de aprimoramento, além do uso corriqueiro direcionado à eliminação de sintomas. Tais incidências nos espaços acadêmicos e no campo de trabalho acentuam o processo de medicamentização nos indivíduos e na sociedade.

Há pelo menos meio século, a prescrição psiquiátrica de psicofármacos constitui o eixo de cuidados em saúde mental, em detrimento da escuta ou de outros processos terapêuticos mais prolongados. A novidade é a ampliação do horizonte do uso de fármacos, no escopo de um privilégio como prática clínica sustentada pela vasta produção de evidências científicas padronizadas e produzidas por estudos estatísticos com grandes populações para além do clínico. O clínico é aqui entendido como a percepção do ponto de vista do trabalhador, de que seu corpo não é mais suficiente para as tarefas que lhe são impostas na sociedade capitalista tardia.

Como sublinhado anteriormente, um medicamento integra o processo de geração de mais valor por meio da produção e da circulação na forma mercadoria, dependente das lógicas de oferta, de demanda e de compra e venda. Essa perspectiva permite pensá-lo para além de seu valor terapêutico, como um dos momentos da metamorfose do capital, considerando também a força de trabalho que o produziu, o dinheiro que o comprou, a ciência que o valorizou como útil e a vasta demanda realizada no consumo, que viabiliza o retorno de sua produção, assim como ocorre com todos os *gadgets*. Assim, o medicamento, sob a condição de metamorfose do capital, na fase mercadoria, suscita questionamentos sobre qual o papel do processo de medicamentização na saúde para a indústria farmacêutica, em constante crescimento econômico. Questiona, inclusive, a que ponto se chega num processo de quase completa fetichização dos psicofármacos como mercadorias potencializadoras de um corpo em transmutação com o recurso da tecnologia.

Por sua vez, a *medicina realizadora de desejos*, como produto cultural da sociedade capitalista deste tempo, também assume a forma de um *gadget* no registro da produção de serviços, um tipo de trabalho improdutivo. Ao mesmo tempo, constitui-se como um elemento da cadeia produtiva farmacêutica, a qual, por sua vez, também se vale e depende das construções culturais que reforçam a necessidade de adequação, sem a discussão crítica sobre a sociedade que se constrói.

Observa-se, portanto, a eficácia da necessidade de articulação entre os discursos pós-humanos, na sua vertente transhumanista, com os ciclos da produção do capital e a forma mercadoria, na tentativa de decifrar as novas utilizações farmacológicas exacerbadas, em especial, no campo da saúde mental. Ao considerar esse contexto, foi possível apreender um novo sentido para o clássico conceito de *clínica centrada na pessoa*. Em vez de a narrativa do paciente, no que tange à sua experiência com o sofrimento, estruturar o cerne da construção do caso clínico em diálogo com o saber médico, elimina-se essa etapa, pois o caso vem predefinido pelo pedido de mudança do cliente.

Por outro lado, o saber médico é excluído da construção diagnóstica, retornando apenas no momento da execução do desejo do cliente, o qual, no âmbito da prestação de serviços, sempre tem razão. A *medicina realizadora de desejos* é fruto do exercício da medicina, embora amparada no imaginário regido pela lógica do capital improdutivo de serviços. É interessante perceber que os atos dessa clínica não visam, necessariamente, à produção de saúde.

Os consultórios privados e as clínicas públicas acolhem o que sempre acolheram: o pedido de retorno a uma situação de felicidade, perdida em algum contexto ou condição que a tenha retirado da vida cotidiana do sujeito em sofrimento. Fora das diferentes clínicas da saúde, encontram-se ofertas de apaziguamento desse pedido em figuras como um outro familiar, um educador, um governante, um padre ou um pastor e, na sociedade plataformizada da *internet*, até mesmo na figura de um *influencer* ou dos “treinadores de destino”, popularmente conhecidos como *coaches*. Notou-se como conceitos caros à clínica médica também podem ser facilmente falsificados em prol de uma adaptação ao mercado cada vez mais competitivo, como na aproximação dos princípios da medicina centrada na pessoa, para justificar um *wish-fulfilling medicine*.

Ocorre que a noção de felicidade precisa ser contextualizada no espírito do tempo em que ela é submetida à análise. De acordo com as investigações, a felicidade perdida no dia a dia diz respeito, primordialmente, a uma busca por corresponder a uma exigência de trabalho constante, que parece sempre insuficiente, tendo em vista as exigências de produtividade na sociedade capitalista. Segundo o discurso vigente, o sistema não suportaria que, durante a pandemia da COVID-19, as pessoas pudessem interromper o trabalho por um tempo para cumprirem o isolamento social, medida que reduziria mortes e auxiliaria a interrupção das contaminações pelo vírus. Nesse sentido, a escala 6x1 segue sendo defendida como vital ao sistema.

Ao que tudo indica, pode-se afirmar, criticamente, que os discursos transhumanos tem menos a ver com um desígnio inexorável da humanidade em superar seus limites do que com uma posição inadvertida ou premeditada de uma classe social que precisa explorar o trabalho para além de um corpo que, desafortunadamente, precisa parar para comer e dormir, além de adoecer de tempos em tempos. Da mesma forma, é possível asseverar que a *medicina realizadora de desejos* talvez cumpra um papel semelhante, como um novo produto em que a propaganda e a embalagem prometem a felicidade individual, mas que estão a serviço de outros objetivos sociais. A medicamentização da sociedade é um de seus efeitos.

Referências

- Badin, R., & Martinho, M. H. (2018). O discurso capitalista e seus gadgets. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*, 10(2), 140–154. <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2018v2p.140>
- Bezerra, I. C., Jorge, M. S. B., Gondim, A. P. S., Lima, L. L., & Vasconcelos, M. G. F. (2014). “Fui lá no posto e o doutor me mandou foi pra cá”: processo de medicamentação e (des)caminhos para o cuidado em saúde mental na Atenção Primária. *Interface*, 18(48), 61–74. <https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0650>
- Buyx, A. M. (2008). Be careful what you wish for? Theoretical and ethical aspects of wish-fulfilling medicine. *Med. Health Care and Philos*, 11(2), 133–143. <https://doi.org/10.1007/s11019-007-9111-1>
- Dubljević, V., & Ryan, C. J. (2015). Cognitive enhancement with methylphenidate and modafinil: conceptual advances and societal implications. *Neuroscience and Neuroeconomics*, 4, 25–33. <https://doi.org/10.2147/NAN.S61925>
- Favero S. (2019) Cisgeneridades precárias: raça, gênero e sexualidade na contramão da política do relato. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, 13(20), 169–197. <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/18675>
- Freud S. (2010). O mal-estar na Civilização. In S. Freud, *Obras Completas: O mal-estar na Civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (Vol. 18, pp 13–122). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1930)
- Freud S. (2018). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Obras Completas: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)* (Vol. 19, pp. 347–349). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1937)
- Galliano, A. (2019). ¿Hacia un futuro transhumano?. *Nueva Sociedad*, (283), 82–94. <https://nuso.org/articulo/hacia-un-futuro-transhumano/>
- Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (Orgs.). (2009). *Métodos de Pesquisa*. Editora da UFRGS. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>
- Lacan, J. (1972). Discours de Jacques Lacan à l'Université de Milan le 12 mai 1972, paru dans l'ouvrage bilingue. In J. Lacan, *En Italie Lacan, 1953-1978* (pp. 32–55). La Salamandra.
- Lacan, J. (2016). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1969-1970).
- Lustoza, R. Z. (2009). O discurso capitalista de Marx a Lacan: algumas consequências para o laço social. *Ágora*, 12(1), 41–52. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982009000100003>
- Medeiros, R. H. A., Mano, G. C., & Weimann, A. O. (2015). A paixão pelo autônomo: a clínica para o cuidado em saúde no templo da tecnologia. *Physis, Revista de Saúde Coletiva*, 25(1), 251–263. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312015000100014>
- Ouzzani, M., Hammady, H., Fedorowicz, Z., & Elmagarmid, A. (2016). Rayyan: a web and mobile app for systematic reviews. *Systematic Reviews*, 5(210). <https://doi.org/10.1186/s13643-016-0384-4>
- Rosa, B. P. G. D., & Winograd, M. (2011). Palavras e pílulas: sobre a medicamentação do mal-estar psíquico na atualidade. *Psicologia & Sociedade*, 23(spe), 37–44. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000400006>
- Safatle, V. (2021). A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In V. Safatle, N. S. Junior, C. Dunker (Orgs.), *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (pp. 17–47). Autêntica.
- Tomsic, S. (2015). *The capitalist Unconscious: a return to Freud*. Verso.

Como citar:

Medeiros, R. H. A., & Jardim, V. F. Medicamentização, discursos transhumanos e suas demandas no capitalismo: Uma revisão de literatura. *Revista Subjetividades*, 25(3), e14927. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v25i3.e14927>

Endereço para correspondência:

Roberto Henrique Amorim de Medeiros
E-mail: robertoamorim80@hotmail.com

Vladimir Frediani Jardim
E-mail: vladimir_fj@hotmail.com



Recebido em: 22/01/2024.

Aceito em: 23/10/2025.